

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
COLÉGIO DE APLICAÇÃO**

Disciplina de Língua Portuguesa - Nonos anos - Prof. George França

Um diário do ano da peste - Segunda atividade de tempos de quarentena

Caras e caros estudantes,

lá se vão alguns dias desde nosso primeiro contato nesses tempos de isolamento social. Como têm passado?

Estamos em casa (nós que podemos, devemos estar, isso é parte importante da contenção da disseminação do vírus!), as notícias vão se tornando mais alarmantes, ao passo que as medidas de contenção da pandemia vão reduzindo de intensidade. Isso cria a ilusão de que estamos próximos do fim desse necessário período de recolhimento e intensificação de medidas de higiene e recolhimento. No entanto, não só não é possível dizer quando e como tudo isso vai acabar, mas também é possível afirmar que não voltaremos ao estado de coisas que conhecíamos antes deste tempo que vivemos. O momento é de refletir sobre nossas necessidades, sobre como vivemos em sociedade, sobre nosso cuidado com os outros e conosco mesmos. Precisamos, também, pensar sobre quem somos nós na história, que papel temos e que tipo de sujeitos queremos ser em nossa maneira de agir no mundo.

Como disse no último material, esta não é a primeira vez que a humanidade vive a experiência de uma epidemia. Em vários outros tempos e lugares, com menos acesso ao conhecimento científico e inovações tecnológicas do que temos hoje, o ser humano se viu ameaçado por algo invisível, mas perigoso.

Já que vínhamos estudando diários e autobiografias, resolvi trazer para vocês um texto que dialoga com esses gêneros e com o presente de uma maneira bastante particular. Trata-se de *O diário do ano da peste*, de Daniel Defoe - o autor da mundialmente conhecida história de Robinson Crusóé; esse cara de peruca aí do lado.



Defoe não escreveu exatamente um *diário* enquanto se deu a onda da peste bubônica na Inglaterra do século XVII. Ele tinha apenas quatro anos quando isso aconteceu. No entanto, com base nos documentos do tempo da peste, bem como de relatos que coletou de pessoas próximas que vivenciaram a epidemia e viveram o medo da morte e da contaminação - sem saber que o que transmitia a doença eram as pulgas dos ratos, e acreditando em toda sorte de explicação não-científica - ele escreveu esse texto, uma referência quando se trata de literatura - e até mesmo de jornalismo - sobre epidemias. Muitas coisas que ele relata se parecem com o que vivenciamos hoje, embora com uma doença diferente e muitos anos depois.

Leia o texto a seguir, que contém partes do início do livro em questão, e depois, responda às questões propostas.

UM DIÁRIO DO ANO DA PESTE¹

Foi lá pelo começo de setembro de 1664 que eu e os meus vizinhos ouvimos em conversa corrente que a peste estava de volta na Holanda mais uma vez, pois já fora bem violenta no ano de 1663, principalmente em Amsterdam e Rotterdam, onde, pelo que dizem, chegou entre mercadorias transportadas por navios da Turquia; uns diziam vindas da Itália, outros do Levante; também disseram que veio da Cândia, ou então do Chipre. De onde veio não interessava, todos estavam de acordo que a peste estava na Holanda outra vez.

Naqueles dias, não tínhamos coisas que eu ainda viveria para ver em prática, como os jornais impressos para espalhar rumores e informar sobre os acontecimentos e para melhorar as coisas pela imaginação dos homens. Notícias como aquela chegavam nas cartas dos mercadores e de outros que se correspondiam com o exterior e depois as divulgavam somente em conversas. Assim, estas coisas não se espalhavam instantaneamente por toda a nação como acontece agora. Parece, porém, que o governo tinha recebido um relatório comprovando o fato e já promovera várias reuniões para estudar maneiras de impedir a vinda da peste, mas tudo era feito muito discretamente. Por isso, os rumores não demoraram a desaparecer e o povo foi esquecendo a coisa como algo que nos dizia muito pouco a respeito, e que esperávamos não ser verdade. Até o final de novembro, ou o início de dezembro de 1664, quando dois homens, ditos franceses, morreram de peste em Long Acre, ou mais exatamente, lá pelo fim de Drury Lane. A família com quem estavam hospedados tentou esconder o caso de todas as maneiras possíveis, mas como aquilo foi comentado pela vizinhança, os secretários de Estado tomaram conhecimento e se preocuparam em mandar investigar. A fim de estabelecer a verdade com segurança, dois médicos e um cirurgião receberam ordens de ir àquela casa fazer uma inspeção. Fizeram isto e, encontrando sinais evidentes da doença nos corpos dos dois mortos, manifestaram publicamente sua opinião de que tinham morrido de peste. Depois, o caso foi informado ao padre da paróquia que o transmitiu ao Hall. No boletim semanal de mortalidade, foi registrado como de costume, desta forma:

Peste, 2. Paróquias contaminadas, 1.



¹ Trechos selecionados de DEFOE, Daniel. **Um diário do ano da peste**. Trad. de Eduardo S. San Martín. Disponível em:

O povo mostrou grande preocupação com isto e o alarme começou a se espalhar por toda a cidade, ainda mais porque, na última semana de dezembro de 1664, outro homem morreu na mesma casa, com a mesma doença. Então, ficamos tranquilos cerca de mais seis semanas, pois ninguém morreu com sinais da infecção e foi dito que a doença desaparecera. Depois, acho que no dia 14 de fevereiro, morreu mais um em outra casa, mas na mesma paróquia e da mesma maneira.

Esta morte chamou muito a atenção do povo para aquele canto da cidade. Embora cuidassem para manter isto o mais longe possível do conhecimento público, com os boletins semanais mostrando um aumento de óbitos acima do normal na paróquia de St. Giles, surgiu a suspeita de que a peste estava entre os moradores daquela zona da cidade e que muitos morriam com ela. Isto tomou conta da cabeça das pessoas e poucas se arriscavam a atravessar Drury Lane ou outras ruas suspeitas, a não ser que negócios importantíssimos as obrigassem a ir até lá.

O crescimento dos óbitos nos boletins foi assim: o número habitual de enterros em uma semana, nas paróquias de St Giles-in-the-fields e St Andrew Holborn, era entre doze e dezessete ou dezenove mais ou menos, em cada uma. No momento em que a peste surgiu na paróquia de St Giles, observou-se que o número de enterros comuns aumentou consideravelmente. [...]

O último boletim foi realmente assustador, sendo o de mais alto número de enterros por semanas desde a última epidemia, em 1656.

Tudo isso, porém, passou novamente e, com o clima ficando frio e a geada que começara em dezembro continuando muito severa até perto do final de fevereiro, acompanhada por ventos cortantes mas moderados, os registros de óbitos voltaram a diminuir e a cidade cresceu com saúde e todo mundo começou a encarar o perigo como tão bom porque passou. Só que, em St Giles, o número de enterros ainda continuava elevado. No começo de abril, principalmente, estavam em vinte e cinco por semana até a semana de 18 a 25, quando trinta foram enterrados na paróquia de St Giles, sendo dois com peste e oito com febre tifóide, que era considerada a mesma coisa. O número de mortos com febre tifóide também aumentou, sendo oito na semana anterior e doze na semana [seguinte].

Isto assustou a todos outra vez e temores terríveis assaltaram o povo, principalmente porque o clima estava mudando, aumentando o calor com a proximidade do verão. Na semana seguinte, no entanto, surgiram algumas esperanças. Os boletins diminuíram e o número de mortos ficou em 388 no total, nenhum com peste e apenas quatro com febre tifóide.

Uma semana depois, porém, voltou novamente e a doença tinha se espalhado para duas ou três paróquias, a saber: St Andrews, Holborn, St Clement Danes e, para grande aflição da *city*, morreu um dentro das suas muralhas, na paróquia de St Mary Woolchurch. Isto significa que foi em Bearbinder Lane, perto da Bolsa de Mercadorias. No total, foram nove mortos com peste e seis com febre tifóide. Através de uma investigação, entretanto, foi revelado que o francês que morreu em Bearbinder Lane tinha morado em Long Acre, perto das casas contaminadas e se mudara com medo da doença, sem saber que a tinha contraído.

Isto foi no começo de maio, o clima ainda temperado, instável e bastante frio, e o povo ainda tinha algumas esperanças. O que os encorajava era que a *city* estava saudável: todas as noventa e sete paróquias enterraram apenas cinqüenta e quatro mortos e

começamos a acreditar que a peste ficaria só naquele canto da cidade, sem avançar mais, pois na semana seguinte, de 9 a 16 de maio, morreram três, mas nenhum dentro de toda city ou *liberties*. St James enterrou apenas quinze, o que era muito pouco. É verdade que St Giles enterrou trinta e dois, mas, mesmo assim, apenas um morreu com a peste e o povo voltou a se tranquilizar. O registro geral de óbitos também estava bastante baixo, pois, na semana anterior, registraram-se 347 mortos e, na semana mencionada acima, apenas 343. Continuamos com esperanças por alguns dias, mas só alguns, pois o povo não podia mais ser enganado desta maneira. Inspeccionaram as casas e descobriram que a peste realmente se espalhara por toda parte e que muitos morriam com ela todos os dias. Então, todo nosso entusiasmo diminuiu e não dava mais para esconder. Mais que isso, rapidamente transpareceu que a epidemia tinha se espalhado mais do que qualquer esperança de seu declínio. Na paróquia de St Giles, atingira várias ruas e várias famílias estavam de cama, com todos muito doentes e, conseqüentemente, no boletim de óbitos da semana seguinte, a coisa começou a se mostrar. É verdade que havia apenas quatorze registrados com peste, mas tudo não passava de fraude e enganação, porque na paróquia de St Giles enterraram quarenta no total e certamente a maioria morreu de peste, embora estivesse registrada com outras doenças. Mesmo o número de todos os enterros não aumentando para além de trinta e dois e sendo só 385 o total de mortos, havia quatorze com febre tifóide e quatorze com peste. Considerávamos óbvio que, no total, cinquenta morreram de peste naquela semana.

O boletim seguinte ia de 23 a 30 de maio, com dezessete casos de peste. Mas os enterros em St Giles chegaram a cinquenta e três – um número assustador –, dos quais só nove registrados com peste. Numa inspeção mais rigorosa, porém, feita pelos juizes de paz a pedido do Lorde Prefeito, foi descoberto que mais vinte morreram realmente de peste naquela paróquia, mas foram registrados com febre tifóide ou outras doenças, além de outros escondidos.

Estas coisas foram insignificantes perto do que aconteceria imediatamente depois. O clima esquentou e, a partir da primeira semana de junho, a epidemia se espalhou de uma maneira pavorosa e os boletins subiram às alturas. Os itens febre, febre tifóide e dentes começaram a inchar. Todos os que puderam esconder a doença o fizeram para evitar que os vizinhos se afastassem e se recusassem a conviver com eles. E também para evitar que as autoridades fechassem suas casas; mesmo que ainda não estivesse em prática, isto era ameaçado e o povo se aterrorizava só de pensar.[...]

Suponho que a peste começou nesse momento e, como já disse, as autoridades também começaram a refletir seriamente sobre as condições da população. Em seguida, contarei o que fizeram para controlar os habitantes contaminados e suas famílias. Sobre a questão da saúde, cabe mencionar apenas que, constatando o ânimo enlouquecido do povo numa correria atrás de charlatões e curandeiros, mágicos e cartomantes, como as pessoas faziam até perder a lucidez, o Lorde Prefeito, um homem muito sóbrio e religioso, nomeou médicos e cirurgiões para atendimento dos pobres – refiro-me aos doentes pobres – e determinou que o Colégio de Médicos publicasse orientações sobre remédios baratos para os pobres em todos os estágios da doença. Esta foi uma das medidas mais piedosas e judiciosas que poderiam ser tomadas naquele tempo, pois afastou a população das concentrações diante das portas de qualquer fornecedor de receitas, evitando que as pessoas ingerissem, cegamente e sem qualquer consideração, veneno por remédio, encontrando a morte em vez da vida.

[...] Também a peste desafiou todos os medicamentos. Os próprios médicos se contaminavam com seus preventivos na boca; os homens saíam por aí prescrevendo e dizendo aos outros o que fazer até que apresentassem os sintomas e caíssem mortos, destruídos pelo mesmo inimigo que ensinavam os outros a enfrentar. Este foi o caso de muitos médicos, mesmo alguns dos mais eminentes e vários dos cirurgiões mais habilidosos. Muitíssimos charlatões também morreram, aqueles que cometeram a loucura de acreditar em seus próprios remédios que, sendo conscientes de si mesmos, sabiam não servir para nada. Antes fizessem como outros tipos de ladrões que reconheciam sua culpa fugindo da justiça, pois não podiam esperar mais do que o castigo que sabiam merecer.

Não há qualquer depreciação ao trabalho e à dedicação dos médicos em dizer que morreram na calamidade geral. Nem é esta minha intenção, pois é antes para louvá-los por terem arriscado suas vidas ao ponto de perdê-las a serviço da humanidade. Eles se esforçavam para fazer o bem e salvar a vida do próximo, mas não podemos esperar que médicos consigam conter os castigos de Deus ou evitar uma peste claramente enviada do Céu para executar os pecadores. Sem dúvida, os médicos ajudaram muitos com seus conhecimentos, salvando suas vidas e restabelecendo sua saúde com sua prudência e curativos. Não é diminuir sua competência ou reputação dizer que não podiam curar aqueles que já apresentavam os sinais da doença ou aqueles que já estavam mortalmente contaminados quando mandavam chamar um médico, como freqüentemente foi o caso.

Falta agora registrar as medidas tomadas pelas autoridades para a segurança geral e para evitar a disseminação da doença quando surgiu pela primeira vez. Terei várias ocasiões para falar sobre a prudência das autoridades, sua caridade, sua vigilância dos pobres e da manutenção da boa ordem, fornecendo alimentos e coisas do gênero quando a peste aumentou, o que aconteceu mais tarde. Agora, refiro-me às ordens e regulamentações que publicaram para o governo das famílias contaminadas. Mencionei acima o fechamento de casas, mas é preciso dizer alguma coisa mais sobre isto, pois esta parte da história da peste é muito melancólica, mas a história mais cruel precisa ser contada.

Perto de junho, o Lorde Prefeito de Londres e a Corte de Vereadores, como disse, começaram a se preocupar mais objetivamente com a regulamentação da cidade. Os juízes de paz de Middlesex, sob orientação do secretário de Estado, começaram a fechar casas nas paróquias de St Giles-in-the-fields, St Martin, St Clement Danes etc. Isto foi um grande sucesso. Em várias ruas onde surgira a peste, com rigorosa vigilância das casas contaminadas e cuidando para enterrar aqueles que morriam imediatamente depois da constatação de suas mortes, a peste desapareceu naquelas ruas. Também observou-se que, naquelas paróquias, depois da contaminação total, a peste diminuiu mais depressa do que nas paróquias de Bishopsgate, Shoreditch, Aldgate, Whitechapel, Stepney e outras, sendo os cuidados semelhantes tomados com antecedência, um valioso meio para o controle da epidemia. [...]

Chegou até aqui? Vamos pensar um pouco juntos sobre este texto e sobre o presente.

Você pode também assistir a este vídeo sobre o livro, do canal *Pensar ao Ler*, da Laura Zardo: <https://www.youtube.com/watch?v=3SdmfCerq3U>

- 1) Vínhamos lendo textos de diários e de autobiografias. Que semelhanças e que diferenças você vê entre este texto de Defoe e os que estudamos em sala de aula?
- 2) Nos primeiros parágrafos, o narrador reflete sobre a origem da peste e a disseminação das informações a respeito dela. Quais as principais informações que ele traz sobre esses assuntos?
- 3) Pensando no momento presente: como e quando você ficou sabendo que vivíamos uma situação de pandemia mundial? O que você sabe sobre a origem e a disseminação dessa doença?
- 4) Que tempos verbais predominam no texto? Por quê?
- 5) A que tempo verbal do indicativo pertencem formas como “promovera” e “morrera”? Por que ele é usado?
- 6) O texto faz um balanço entre informações objetivas e avaliações subjetivas a respeito dessas. Identifique, nele, partes em que o autor prioriza a objetividade ou a subjetividade.
- 7) Associe o caráter dessas informações - objetividade e subjetividade - ao uso da primeira ou da terceira pessoa do discurso.
- 8) Como o autor se posiciona sobre o papel dos médicos no contexto da epidemia que está vivendo?
- 9) O autor fala sobre o fechamento de casas particulares. Como isso se deu?
- 10) A epidemia em questão era de peste bubônica. Pesquise que doença é essa e em que momento ela se disseminou como uma peste pela Europa.
- 11) Que palavras novas o contexto da pandemia introduziu no seu cotidiano?
- 12) Escreva um pequeno texto comparando esta parte do relato sobre viver e observar uma epidemia no contexto do século XVII e na atualidade.
- 13) Como você imagina que este relato continua?
- 14) Que semelhanças e diferenças você vê entre esse relato de epidemia e o que vivemos hoje?

Fica, também, o convite para a leitura integral desta obra.

O texto está disponível no seguinte link:

https://kupdf.net/download/um-diario-do-ano-da- peste_59fc2578e2b6f53e4f746f39_pdf

Até nosso próximo encontro!

Abraços, Prof. George.

Para ir além...

Alguns escritores estão escrevendo seus Diários de isolamento, atualmente, no site da Editora Companhia das Letras.

Segue o link para quem tiver curiosidade em ler como está sendo a experiência do confinamento atual para autores brasileiros contemporâneos.

<http://www.blogdacompanhia.com.br/secoes/visualizar/Diarios-do-isolamento>

ATIVIDADE FLEXIBILIZADA - EDUCAÇÃO ESPECIAL

Assista o Vídeo:
“UM DIÁRIO DO ANO DA PESTE”
Daniel Defoe

Canal *Pensar ao Ler*, da Laura Zardo:
<https://www.youtube.com/watch?v=3SdmfCeq3U>

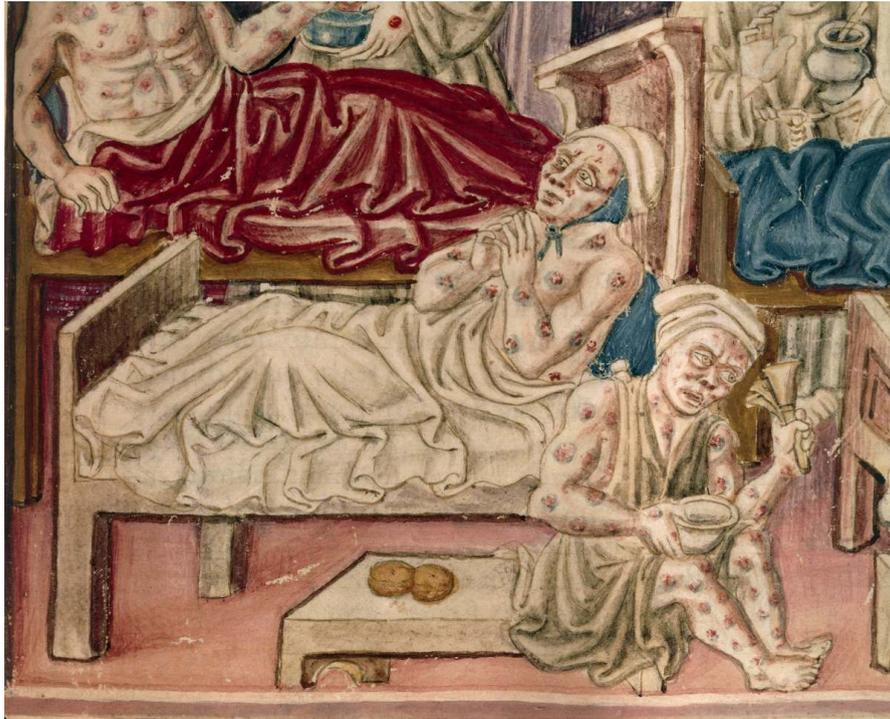
Observe as imagens referentes à peste bubônica:



La Peste Negra en Italia en 1348, según una ilustración de Marcello



Fonte: <https://revistaevolua.wordpress.com/2011/03/20/relacao-do-lixo-com-a-peste-negra-na-idade-media/>



Fonte: <https://conhecimentocientifico.r7.com/oque-foi-a-peste-negra-onde-ocorreu-quantos-morreram/>

CONHEÇA A DOENÇA

A peste bubônica é uma doença infectocontagiosa e é transmitida pela bactéria **Yersinia Pestis**, que vive nas pulgas alojadas no pelo do rato-preto.

Durante a época medieval, estima-se que a peste negra matou **50 milhões** de pessoas. Hoje a praga ocorre em menos de **5 mil** pessoas por ano em todo o mundo.

A doença, que é contagiosa, ataca as glândulas linfáticas, causando inchaço e inflamação nessas áreas.

Se a bactéria atinge os pulmões, no geral pelo sangue, o paciente desenvolve peste pneumônica, que é transmitida de pessoa para pessoa por meio de objetos infectados com muco ou pelo ar.

Há o risco de a peste contaminar o sangue e, com isso, causar complicações mais sérias.

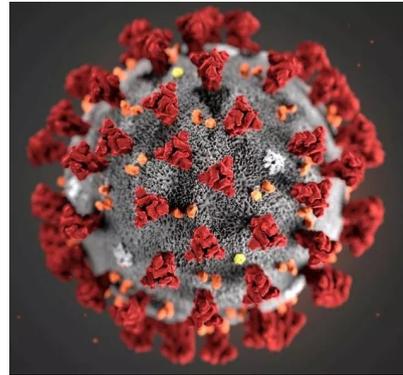
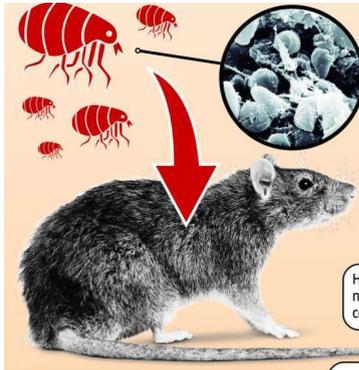
O diagnóstico precoce permite que a peste seja curada com antibióticos. Se não for tratada rapidamente, ela pode ser fatal.

Os sintomas iniciais de peste bubônica aparecem **7-10 dias** após a infecção.

Fonte: <https://sosesudenteassessoria.blogspot.com/2019/08/a-pesto-bubonica-ou-pesto-negra.html>

COM BASE NO TEXTO, NO VÍDEO E NAS IMAGENS RESPONDA:

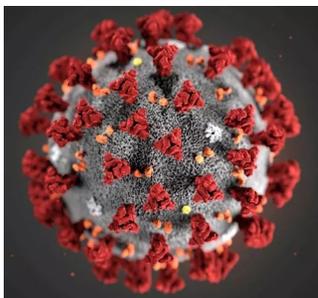
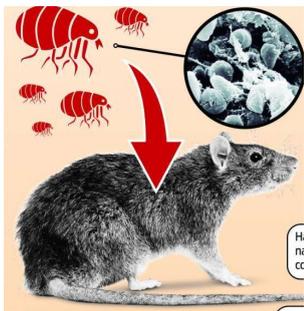
1) Nos primeiros parágrafos, o narrador reflete sobre a origem da peste e a disseminação das informações a respeito dela. Esse aspecto também é tratado no vídeo. Qual a origem da peste bubônica?



2) Quais os principais sintomas dessa peste?



3) Na atualidade também estamos vivendo uma pandemia, diferente da peste bubônica. Assinale o conjunto de imagens que melhor representam o momento atual.



- 4) Você sabe se houve outras pandemias como a peste bubônica e a COVID-19 no mundo? Pesquise e descubra.
- 5) Pensando no momento presente, em que também vivemos uma pandemia: O que você sabe sobre a origem e a disseminação da COVID-19?
FAÇA UM TEXTO, DESENHO OU COLAGEM: